

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad brachium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: A Milicia Christã, pelo rev.^{mo} dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO SCIENTIFICA: Deus e Jesus, segundo a magonaria e segundo a Igreja, traç. da *Cirilla Catholica*. — SECÇÃO CRITICA: A *cevadreira Bernadette de Lourdes* (cartas do Mons. Ricard ao sr. Emilio Zola) traduzidas pela redacção. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: Actos da Santa S^a: Dispensa de irregularidade; Cumprimento e commutação de vontade. — SECÇÃO LITTERARIA: *Vem!* (a um filho ausente), poesia pelo ex.^{mo} sr. Antonio Moreira Bello; *A Mãe e a fitinha*, poesia pelo rev.^{mo} dr. José Rodrigues Cosgaya; *A lei do jejum*. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, pela redacção. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Introdução do profano na caverna*, pela redacção. — SECÇÃO ADMINISTRATIVA.

GRAVURAS: *Introdução do profano na caverna*: Santa Ipez de Monte Policiano.



INTRODUÇÃO DO PROFANO NA CAVERNA

SECÇÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

III

NÃO temos que ver: desde o dia do Baptismo entramos nas fileiras bem disciplinadas d'um valoroso exercito, e, apenas chegados ao uso racional e senhoril das nossas potencias, é da nossa honra defender o nosso campo, que é, sem duvida, o das nossas glorias futuras.

Depois de ter jurado bandeiras, o militar, que preza seu nome, toma a peito defendel-as.

Ora nós, não no campo, mas no templo, perante o ministro do Senhor, havendo padrinhos e testemunhas, que *nol-o possam lembrar*; dêmos o nosso nome á Igreja catholica, ou melhor, lela nos deu nome como a filhos seus, que entramos, por esse meio, a ser membros d'uma familia numerosa, nobre e rica, por cujos timbres e interesses devemos lutar, pois que passam a ser tambem propriedade nossa.

Pois bem: o emblema mais característico e mais saliente d'esta familia, a que, como catholicos, pertencemos, é, sem duvida, o da santa caridade: esse amor divino, que de Deus nasce e em Deus termina, bafejando branda e salutarmente o homem, por ver brilhar n'elle a imagem de Deus creador e salvador nosso.

E' a caridade a melhor joia com que o nosso pae amantissimo nos dotára, o unico novo preceito de salvação eterna, que, a tanto custo, viera ensinar-nos; porque amava a nossa paz, a nossa felicidade e o nosso bem, a nossa honra e as nossas alegrias. E' o capital, a que garantiu lucros maiores, e transcendentos até a eternidade.

Ora se este bom pae diz expressamente, que ha de castigar os filhos, que escondam algum dos talentos d'Elle recebidos; é por que deseja que os negociemos todos, até os que pareçam mais insignificantes.

D'aqui facilmente se deduz o empenho, que Elle tem, em que bem negociemos todos este preciosissimo thesouro da caridade.

Dizei-me agora: com que tacto delicado, com que vigilancia cautelosa e apuradissima intelligencia não devemos procurar, cada um de nós, negociar tão precioso dom?

Olhae como procura haver-se o negociante de pedras preciosas, quando troca, compra ou vende.

Que de cautelas para não receber falsas por verdadeiras, ou menos por mais preciosas, dar muito, pelas que

pouco valem, ou não dar barato as que custaram caro?

Que minuciosamente não examina á refração de toda a luz, o pezo até o ultimo quilate e a dureza resistente ao poder dos outros mineraes?

E não vêdes a segurança dos aparadores ou vitrinas, onde as mostra, e, mais ainda, das caixas onde as guarda?

Ponderae agora quantos deverão ser os nossos cuidados, para bem negociarmos e melhor guardarmos as diversas e variadissimas joias, que o divino thesouro da caridade encerra!

Cuidemos de contrastar amiudadas vezes a nossa caridade, para mais e mais amarmos os seus bellissimos caracteres e melhor sabermos evitar um engano lastimoso em negocio de tanta monta.

Seria a nossa maior desgraça achar-mo-nos, no dia da conta, no grande balanço sem a verdadeira caridade, e tendo apenas de tão preciosa joia ridiculas e despreziveis apparencias.

E nada mais facil tendo dentro de nós mesmos tantas paixões inimigas d'essa virtude santa e fóra visiveis e invisiveis inimigos, que com mil ardis maliciosos e com a mais perversa tenacidade pretendem despojar-nos de riqueza tanta.

Este nosso amor proprio, nosso inimigo constante, que, tomando mil seductoras feições, evita arteiramente os combates, se o não estudamos cautelosos e com decidida coragem o não combatemos, virá finalmente prender-nos em fortes laços e arrastar-nos na tristissima lama d'um egoismo miseravel.

Uma propensão, que nos leva em ar de sympathy a trocar affectos, alegrias, penas e dôres com os nossos irmãos, illude-nos frequentemente com meiguices, que parecem ser sorrisos da caridade, briza do céo divino, quando são apenas ternuras, que nos traz uma aragem puramente humana, nuvem que o vento leva, ou fumo, que desaparece n'esta atmospheria das humanas vaidades.

E se não quizermos, no fim, achar-nos sem meritos de honra e de salvação, a deveremos combater ou melhorar.

Muito boas obras, que se fazem por não desmerecemos na sociedade dos bons, para mostrarmos o nosso coração nobre, a educação christã ou a honradez do nosso caracter, se se fizessem por agradar a Deus, seriam bem mais bellas e melhores, espalhariam sobre nós outra luz, outros mimos, honrar-nos-iam com outros meritos, sorrir-nos-iam com outras esperanças.

Luctemos pois contra todos esses inimigos, que pretendem despojar-nos do brilho e merito da caridade em tu-

do ou em parte, e tenhamos muito em conta que precisamos habil general que nos guie no combate, e que forte armadura nos cubra, e tomarmos armas, que sejam aptas para lutar com vantagem, e posições, que nos favoreçam.

Jesus, com a sua doutrina, com os seus exemplos, a sua protecção, e o seu affago paternal será quem, por si ou por seus ministros, nos venha guiar.

Elle mesmo nos dá armadura, que nos cubra: a sua divina graça, que se nos communica mediante a digna recepção dos santos sacramentos; armas com que a possamos defender: as diversas formas da oração; um castello forte onde nos possamos entrincheirar: a santa humildade.

Sómente aquelles que luctarem corajosamente ás ordens d'este general divino, se cubram com essa armadura, se entrincheirem n'esse forte e se armem com essas armas poderão defender o riquissimo thesouro da caridade.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGATA.

SECÇÃO SCIENTIFICA

DEUS E JESUS

SEGUNDO A MAÇONARIA E SEGUNDO A EGREJA

III

JESUS

AUCTOR. — Afim de fallar da proposição que se considera absurda, quer dizer, que *um homem é Deus*, e por consequencia que Jesus Christo é Deus, é preciso primeiramente arrancar as trevas que a ignorancia e a impiedade condensam em torno de tal questão.

Em primeiro logar é absurdo dizer que a Igreja e os catholicos confundem a natureza do homem com a natureza de Deus. E' absurdo e blasphemio dizer que a natureza do homem, é ou pôde vir a ser a natureza de Deus. A natureza humana é contingente e corporea; Deus é necessario e purissimo espirito, sendo uma contradicção afirmar que um ser corporeo é ou se pôde converter em espirito purissimo. A Igreja nunca propoz que tal necidade se crêsse. Ha alguns sabios tão ignorantes, ou talvez tão maliciosos, que para poderem assegurar que a fé contém necidades e absurdos, affirmam descaradamente que a Igreja ensina o que nunca sonhou ensinar.

JOÃO. — E' verdade! E assim se enganam os discipulos de certos pro-

fessores, que se dão ares magistraes de sabios doutissimos e de mui sabedores da historia da civilisação e da religião; n'este campo são ignorantes e impostores; sim, repito-o; é certo e mais que certo.

AUCTOR. — Continuemos, porém. Em Jesus Christo, segundo a fé, é preciso admittir a natureza humana integra: isto é, a alma humana unida substancialmente a um corpo humano. Comquanto Maria Santissima fosse virgem e sempre virgem, por virtude divina conceben e deu á luz a Jesus verdadeiro homem, pois n'Elle estava integra a natureza humana. A alma de Jesus era principio da sua vida vegetativa, sensitiva e racional, pois n'Elle existia entendimento humano e humana vontade, sendo um erro heretico dizer o contrario. Por isso foram condemnados como herejes os que sustentavam que foi phantastico e não real o corpo de Jesus, os que disseram que n'Elle não havia alma racional e os que lhe negaram entendimento humano e vontade propria humana.

JOÃO. — D'esse modo fica evidenciado que Jesus foi homem verdadeiro; o difficil, porém, é aclarar que seja verdadeiro Deus.

AUCTOR. — Disse-te ha pouco que se não pôde dizer Deus no sentido de que a natureza humana ficasse convertida na natureza divina. Mas Jesus deve chamar-se Deus, porque á sua natureza humana, desde o primeiro instante em que esta surgiu, foi unida a natureza divina; aquella natureza identica pela qual Deus é Deus, e pela qual Deus é o Padre, Deus é o Verbo, isto é, o Filho, e Deus é o Espirito Santo, como ha pouco te dizia. Todavia, como se uniu a natureza divina á natureza humana em Jesus? Uniu-se emquanto n'esta subsiste o Padre? Ou emquanto n'esta subsiste a pessoa do Verbo ou do Espirito Santo? Uniu-se emquanto n'esta subsiste a pessoa do Verbo. Esta é a fé catholica, pelo que o Evangelho de S. João diz: *Deus erat Verbum — et Verbum caro factum est.* Não é porque o Verbo que é Deus, se convertesse em carne, mas porque o Verbo que é Deus, com a natureza divina em que subsiste, se uniu á natureza humana de Jesus.

JOÃO. — Todavia como se podem unir duas coisas tão distinctas, como são a natureza humana finita, contingente, creada, corporea, á natureza divina, infinita, necessaria e incorporea, até ao ponto de formar um todo?

AUCTOR. — Põe de parte esse tudo. Recorda que a união não se fez de modo que a natureza divina se mudasse na humana, nem de modo que a natureza humana se transformasse na divina, nem que com as duas nature-

zas se constituísse outra natureza humano-divina; mas as duas naturezas divina e humana continuaram na sua perfeição. O Verbo, isto é, o Filho que subsistia *ab aeterno* só na natureza divina, assumindo a humana «no tempo», começou a subsistir «tambem» n'esta; pelo que se deve dizer que Deus se fez homem: *Unumquodque dicitur esse factum illud, quod de novo incipit praedicari de ipso. Esse autem hominem vere praedicatur de Deo, ita tamen quod non convenit Deo esse hominem ab aeterno sed ex tempore per assumptionem humanae naturae.* diz Santo Thomaz (P. III, ar. 6.) Esta união sublime, divina, misteriosa, não se pôde explicar com palavras; é superior ao alcance do entendimento humano, entregue só á luz natural. Todavia, o Symbolo attribuido a S. Atanasio faz uma pallida e analogica comparação da união da alma humana com o corpo. Eis as palavras d'esse Symbolo: *Est ergo fides recta ut credamus et confitemur, quia Dominus Noster Jesus Christus Dei Filius, Deus et homo est... Qui licet Deus sit et homo, non duo tamen sed unus est Christus. Unus autem non conversione divinitatis in carnem, sed assumptione humanitatis in Deum. Unus omnino non confusione substantiae sed unitate personae. Nam sicut anima rationalis et caro unus est homo: ita Deus et homo unus est Christus.*

JOÃO. — Quizera que me aclarasse um pouco esta semelhança, porque não vejo muito claro. Compreendo que, tratando-se d'um mysterio, e d'um mysterio tão sublime, toda a semelhança deve falhar, devendo empregar-se o sentido analogico.

AUCTOR. Responder-te-hei gostosamente. Considera que a alma humana é subsistente á semelhança d'um espirito, pelo que deve subsistir, e deve subsistir immediatamente depois da morte do homem, por si só separada do corpo. E' creada por Deus immediatamente, e por elle unida logo ao corpo humano, em virtude do que principia «o homem» a existir. Em virtude de tal união, em primeiro logar está constituída uma natureza composta e integra, que é a natureza humana. Em segundo logar está constituída «uma pessoa» individual humana, cuja dignidade divina da mesma alma que é «propria» do homem, e não da materia corporea commum aos brutos e aos outros entes corporeos. A alma humana é uma só com o homem, sendo o principio da vida vegetativa, da sensitiva e da intellectiva; mas constitue o homem na sua dignidade propria de racional, emquanto é intellectiva; porque emquanto sensitiva dá a vida commum aos brutos, e emquanto vegetati-

va dá a vida commum tambem ás plantas. Porisso de tal alma, emquanto intellectiva, dimana para o homem a sua dignidade pessoal, e a «dignidade» de todas as operações que a elle se attribuem. Por consequencia, repito, a alma humana constitue com o corpo humano primeiramente uma natureza, e em segundo logar uma pessoa.

O Verbo divino, subsistente na natureza divina, uniu-se immediatamente á natureza humana de Jesus, não constituindo uma só natureza, mas constituindo uma só pessoa, principiando a sua pessoa divina, que subsistia *ab aeterno* na divina natureza, a subsistir «tambem» na natureza humana assumida. Podes comprehender este conceito?

JOÃO. — Parece-me que sim, e vejo a grande dignidade que d'ahi advem a Jesus Christo.

AUCTOR. — Dignidade suprema! a qual se aclarar n'esta proposição: Jesus Christo é homem, porque subsiste a pessoa do Verbo na natureza humana; Jesus Christo é Deus, por ser subsistente a pessoa do Verbo na natureza divina. Por isso, porque o Verbo não é filho adoptivo de Deus, mas proprio, Jesus Christo não é filho adoptivo de Deus, mas proprio.

D'esta doutrina resulta que aquelles que dão ás palavras a significação que naturalmente teem, não affirmam nunca, como ha pouco me dizias de certos nescios que sonham envolver contradicção estas formulas catholicas: Jesus homem é Deus—Deus é este homem Jesus. A razão a dá Santo Thomaz: *Supposita veritate, utriusque naturae divinae scilicet et humanae et unione in persona et hypostasi (considera synonymas aqui estas duas palavras) haec est vera et propria: Homo est Deus, sicut et ista Deus est homo. Hoc enim nomen homo potest supponere pro qualibet hypostasi humanae naturae; et ita potes supponere pro persona filii Dei, quam dicimus hypostasim humanae naturae. Manifestum est autem, quod de persona filii Dei, vere et proprie praedicatur hoc nomen Deus. Unde relinquatur quod haec est vera et propria: Homo est Deus.* (P. III, 16, ar. 2.) Isto é, quando se diz «Deus é homem», quer-se dizer que o Verbo, que é Deus pela natureza divina, na qual *ab aeterno* subsiste, pela natureza humana, que no tempo uniu á propria natureza divina, pôde dizer-se homem, porque toda a pessoa que tem subsistencia na natureza humana deve receber a denominação de homem.—Mais: quando se diz «o homem é Deus», entende-se que aquella pessoa, que subsiste na natureza humana, é uma pessoa divina subsistente na divina natureza, a qual por isso é Deus.

JOÃO.—Vejo que isso é discorrer com juízo; mas creia que aquelles charlatões, que na alma só tem o desprezo de Deus e da religião, se fixarão na significação propria das palavras. Não sabem outra coisa senão fazer afirmações estúpidas, e depois d'um insulto, soltar uma gargalhada, rindo-se de todos os leitores e da propria Igreja, fazendo-nos passar por mentecaptos, quando elles são cabeças boas.

ACTOR.—Realmente assim é! Todavia muitos ignorantes, especialmente jovens, são enganados. Deixa-me, porém, continuar, mostrando-te as sublimes grandezas de Jesus Christo, desconhecidas pela seita judaico-maçónica, a qual o não reconhece como Deus na estricte significação da palavra, mas como homem privilegiado, virtuoso, ou, se queres, divino pela sua extraordinaria excellencia.

JOÃO.—Não pôde imaginar o prazer que sinto. Graças a Deus conservo no coração sincera fé, e na mente um pouco de sã philosophia, razão por que as suas phrases são para mim luz querida e suave.

ACTOR.—Do principio, segundo o qual a pessoa de Jesus Christo é o Verbo ou o Filho de Deus Padre, subsistente nas duas naturezas: a divina e a humana) segue-se que a elle se devem attribuir todas as perfeições de Deus, e quanto é proprio do homem.

Voltemos a tomar a semelhança da alma humana e do corpo humano. A quem se attribuem as operações d'aquella e d'este? No fallar commum de todos, o que faz ou o que soffre uma parte do composto humano attribue-se á pessoa, quando mesmo se pôde tambem attribuir áquella parte de que procede ou que é immediato sujeito. Assim diremos que Pedro pensa, ama e quer; que Pedro anda, é ferido, está mal, attribuindo á pessoa de Pedro as acções que só são feitas por sua alma, porque o pensar, o querer e o amar corresponde só á alma, estando n'ella só como em sujeito: á pessoa de Pedro se attribuem tambem aquellas paixões e aquelles actos do corpo organico e sensitivo, que se acham n'elle como em sujeito. A dignidade de todas as operações e paixões humanas procede da dignidade da pessoa humana, mesmo quando pertençam immediatamente ás faculdades interiores, achando-se n'estes como em sujeito.

Assim se devem dar a Christo aquellas attribuições que lhe competem, enquanto a sua pessoa, que é o Verbo, subsiste na natureza divina, sendo todas as que se attribuem a Deus; por isso se diz que Christo é creador do universo, que *ab aeterno* existiu, e Elle proprio disse de si:

Antequam Abraham fieret ego sum. Por isso lhe convém aquellas attribuições que correspondem ao Verbo em quanto subsiste na natureza humana, pelo que se diz que nasceu de Maria Virgem, que padeceu e morreu na cruz; por isso a Virgem é chamada, sendo-o verdadeiramente, Mãe de Deus, e a morte de Jesus Christo se chama Deicidio.

Contudo, porque no modo de fallar pôde existir equívoco, pois ás vezes os heresjes abusaram, convém determinar que se dá a Christo a attribuição segundo a divina natureza, ou bem segundo a natureza humana. Porisso sabiamente observa Santo Thomaz (P, III, 16, ar. 8). *Dicendum quod omnes proprietates humanæ naturæ, sicut et divinæ, possunt æqualiter dici de Christo. Unde et Damascenus dicit* (in III, lib. orth. Fid. c. 4), *quod Christus qui Deus est et homo, dicitur et creatus et increatus, passibilis et impassibilis. Sed tamen illa quæ dubitationem habent circa alterutram naturam, non sunt dicenda absque determinatione, vnde ipse postea alibi* (lib. IV, orth. Fid. c. 5), *subdit: Ipsa una hypostasis, scilicet Christi, et increata est Deitate et creata est humanitate; sicut e converso non esset dicendum sine determinatione: Christus est incorporeus et impassibilis, ad evitandum errorem Monichæi, qui posuit Christum verum corpus non habuisse, nec vere passum esse; sed dicendum est cum determinatione quod Christus secundum Deitatem est incorporeus et impassibilis.* Mais ou menos de passagem fallaremos agora d'algumas das perfeições que Jesus tem segundo a theologia catholica. Prosupposto o principio de que Jesus Christo é Deus, porque n'Elle está o Verbo de Deus com a natureza divina em que *ab aeterno* subsiste, não é mister que falle relativamente ás perfeições que são proprias da divindade, as quaes são em grande parte conhecidas pela razão humana e desenvolvidas nos cursos d'uma verdadeira excellente philosophia. Não fallo d'alguns cursos dados por soberbos charlatões ou loucos dos nossos dias. Detenhamo-nos nas perfeições que deve ter em Christo a natureza humana.

JOÃO.—Debatel-as me proporcionará grande prazer, porque acho n'ellas obscuridade.

(Conclue.)

SECÇÃO CRITICA

A verdadeira Bernadette de Lourdes

POR

MONSENHOR RICARD, PRELADO DOMESTICO DE SUA SANTIDADE

Cartas ao sr. Zola

II

O romancista em desacordo com o Bispo. A infancia de Bernadette em Bartrès, segundo o sr. Zola.—Testimunho contradictorio do professor.—Protesto dos representantes da communa de Bartrès.

V. ex.^a, sr. Zola, leu por certo a pastoral doutrinal, que é a base da nossa crença nas aparições de Lourdes. O Bispo de Tarbes, Mons. Laurence, que a publicou, espirito esclarecido, calmo, positivo, esperou tres annos para se decidir a fallar. Disse-se que esse documento é um thesouro de logica e de sciencia. Ainda que se não seja theologo nem sabio, basta lê-lo para se ficar convencido d'isso.

Ora, um d'esses considerandos está em formal contradicção com a insinuação capital da narração de v. ex.^a.

«Considerando — diz o Bispo de Tarbes—que o facto da apparição, encarado quer na joven que o relatou... não pôde ser explicado senão por intermedio d'uma causa sobrenatural...»

E depois d'um certo numero de considerandos, que são o resumo da sua instrução pastoral, Mons. Laurence conclue:

«Julgamos que a Immaculada Conceição, Mãe de Deus, appareceu realmente a Bernadette Soubirous, nos dias 11 de fevereiro e seguintes, de soito vezes, na gruta de Massabielle, perto da cidade de Lourdes, que esta apparição reveste todos os caracteres de verdade, e que os fieis podem tel-a fundadamente como certa.»

V. ex.^a está em desacordo com este juízo, e, «encarado na joven que o relatou, o facto da apparição» parece a v. ex.^a explicavel por uma causa natural. E v. ex.^a reveste esta explicação de côres que a sua brilhante imaginação sabe dar ás suas concepções.

Descobriu v. ex.^a a causa das aparições, não, como outras vulgaridades, n'uma grosseira trapça ou na mentirosa invenção d'uma creança am-

hiciosa de representar um papel, mas n'uma realidade, se não objectiva, pois que nada tinha de real no dominio dos factos materiaes e palpaveis, ao menos positivamente incrustada no espirito da joven aldeã, á qual v. ex.^a admite boa fé.

Foi na educação em Bartrès, junto da familia que a creou, que Bernadette, na opinião de v. ex.^a, encontrou o segredo da sua missão em Lourdes.

«Ah!—diz v. ex.^a,—com que arroubadora doçura viveu Bernadette esses annos em Bartrès! Passava mal, sempre doente, soffrendo d'uma asthma nervosa que a abafava á menor mudança do vento, e, aos doze annos, não sabia lêr nem escrever. fallava apenas o *patois* (1), e era pouco desenvolvida, tanto no espirito como no corpo. A muito custo conseguiram ensinar-lhe a recitar o terço. Quando o soube, pareceu querer limitar a isso a sua sciencia; recitava-o desde manhã até á noite, pois sempre a encontravam, quando a pastorear o rebanho, com o terço na mão, passando os dedos pelos *Pater* e *Ave*. E que horas ella viveu assim no declive hervoso das vertentes, rodeada e como envolvida no mysterio das folhas, não vendo por instantes outro mundo que os cumes das longinquas montanhas, que se sumiam no crepusculo com a ligeireza do sonho! Succediam-se os dias e ella não sonhava sempre senão o seu sonho limitado, recitando a unica oração que repetia e que lhe não dava outra companheira e amiga, entre essa solidão tão fresca e tão singela, do que a Santa Virgem. (pag. 96.)»

Quizera citar mais, se não fôra o receio d'ultrapassar os meus direitos, violando os de v. ex.^a. Poderia parecer, além d'isso, que o meu fim era enfraquecer a argumentação de v. ex.^a, dando a sequencia do seu estudo sobre as leituras preferidas de Bernadette. Prometti a v. ex.^a uma discussão séria, e renuncio ao facil partido que me forneceria a reprodução da pagina de v. ex.^a sobre o gosto da joven pelas *Aventuras dos quatro filhos Aymon*.

Não sei que conclusão quiz v. ex.^a tirar da historia do escrivão de Lourdes em perseguição do diabo, ao qual elle préga uma boa partida, a não ser que a intenção de v. ex.^a haja sido ridicularisar um pouco anticipadamente a joven vidente, possuida de medo do diabo e temerosa ante a ideia de o vêr circular em volta d'ella. Este receio, porém, não apparece na narração de v. ex.^a das aparições nem no seu se-

guimento. Eis, porém, o que evidentemente pareceu a v. ex.^a mais sério. E' a peça capital da sua these.

«Foi tambem n'esta velha egreja (de Bartrès, tão humilde e tão repleta de fé ardente (1) que Bernadette começou a aprender o catechismo. Estava proximo dos quatorze annos e ha muito tempo que fizera a sua primeira communhão. A ama que a amamentou, não a enviava á escola, utilisando-a em casa todo o dia. O snr. Barbet, professor, nunca a viu na escola. Mas um dia em que substituiu o parochio Ader, que estava incommodado, notou-a pela sua piedade e modestia. O parochio estimava muito Bernadette, e fallando muitas vezes d'ella ao professor, dizia-lhe que a não via sem se recordar dos jovens de la Salette, pois que aquellos deviam ser simples, bons e piedosos como ella, para que a Santissima Virgem lhes apparecesse. (pag. 100).

Qualquer esmiuçador encontraria v. ex.^a facilmente em flagrante delicto d'inexactidão nas pinturas, que faz, da estada de Bernadette em Bartrès.

O Padre Ader nunca foi parochio de Bartrès.

V. ex.^a encontrou talvez em Lourdes o snr. Barbet, digno professor que cita. A narração de v. ex.^a escreveu-a elle na sua excellente *Guia de Lourdes*, segundo as suas recordações, ainda muito vivas.

«Na ultima vez que Bernadette esteve em Bartrès, onde nós eramos professor,—conta o snr. Barbet—assistia ella, na egreja, ás lições do catechismo.

«Um dia, o cura da freguezia, o Padre Ader, sacerdote muito piedoso, achando-se incommodado, encarregou-nos de o substituir na lição do cate-

(1) «Durante o inverno, os sorôrs fizeram-se na egreja. O parochio Ader consentira-o, e muitas fútilidades alli iam para economisar luz e para estarem mais quentes, achando-se juntas. Lia-se a Biblia e rezava-se em commum. As creanças bruinavam sempre por adormecer. Só Bernadette luctava até ao fim, contanto por se achar n'aquella nave estreita, cujas pequenas abobodas eram pintadas de vermelho e azul. Ao fundo erguia-se o altar, platado e dourado, com suas columnas torcidas, com seus retabulos—Maria em casa d'Anna e a Dogação do S. João—d'uma opulencia falva e um pouco barbara. E a joven, na somnolencia que a invadia, devia vêr erguer-se a visão mystica d'essas imagens violentamente coloridas, o sangue correr das chagas, as aureolas rutilar, a Virgem aproximar-se e olhal-a com seus olhos azues, vivos, ao mesmo passo que parecia estar prestes a abrir os labios de carminio para lhe dirigir a palavra. Durante mezes, viveu ella a vida d'estes sorôrs, e n'um somnolencia, em face do altar vago e sumptuoso, n'esse começo de sonho divino de que ella não despertava para o acabar na cama, dormindo sem a mais ligeira agitação, guardada pelo seu bom anjo. (pag. 93.)»

chismo. No fim do exercicio, perguntou-nos qual a nossa opinião sobre Bernadette. Respondemos-lhe:

«—Bernadette não retém palavra por palavra, mas resgata esta falta de memoria pelo cuidado, que emprega, em comprehender o sentido intimo das explicações. Essa joven é muito piedosa e modesta.

«—E' verdade — disse o cura — o snr. aprecia-a tal qual é. Affigura-se-me uma flôr dos campos, distillando um perfume divino. Confesso — acrescentou elle — que muitas vezes, ao vel-a, tenho pensado nas crianças de la Salette. Na verdade, se a Santissima Virgem appareceu a essas crianças, ellas devem ser simples, boas e piedosas como Bernadette.

«Algumas semanas depois, passeavamos com o snr. Padre Ader um pouco fóra da sua aldeia; Bernadette passou conduzindo o seu rebanho. O snr. Padre Ader voltou-se algumas vezes para a ver; depois, reatando a conversa, disse-nos:

«— Ignoro o que em mim se passa; mas, todas as vezes que encontro esta rapariga, parece-me ver os pastorinhos de la Salette.»

O digno e piedoso professor termina acrescentando:

« Pouco tempo depois, Bernadette regressava a Lourdes e achava-se em communicação com a Rainha do céu.»

O snr. Bispo de Tarbes escreveu acerca d'estas communicações:

«Ella via coisas que jámais havia visto, ouvia uma linguagem que jámais ouvira e da qual conservava a lembrança sem lhe comprehender o sentido.»

Ora, como parece que v. ex.^a liga importancia á possibilidade d'uma suggestão exercida sobre a imaginação de Bernadette pelo Padre Ader, e afim de que não subsista impressão alguma a este respeito no espirito dos leitores de v. ex.^a, dirigi-me á testemunha mais autorisada, áquella mesma de que v. ex.^a se aproveitou, utilisando-a em seu proveito, ao snr. Barbet, professor aposentado, membro da Instrucção Publica.

A 2 de junho escreve-me de Lourdes o respeitavel sobrevivente do episodio de Bartrès:

«Devo declarar no interesse da verdade e affirmo que nunca o Padre Ader, que era a prudencia e a discrição em pessoa, fallou d'esta apreciação, nem a Bernadette, a quem elle não quereria dar ensejo de ter um pensamento d'orgulho, nem a ninguem da freguezia. Nunca nas suas instrucções, as quaes ouvi todas, fez allusão a Bernadette ou aos pastores de la Salette. Nenhum dos sobreviventes de Bartrès me desmentirá.

(1) Idioma proprio d'aquella provincia, fallado principalmente pelos camponezas.

«Demais, quando a quadra dos trabalhos do campo terminou, Bernadette regressou a Lourdes. Quanto ao Padre Ader, impellido pela sua piedade, entrou num convento; mas tendo-o visitado - jengosa doença, voltou para o seio da familia, sendo pouco depois mandado para parochia d'Avoix por Mons. Laurence, natural d'esta communa, onde falleceu ao cabo d'alguns annos.

«Pelo que me diz respeito, devo dizer que as palavras do Padre Ader, que me haviam ferido como uma verdadeira intuição, me acudiram muitas vezes á memoria depois dos acontecimentos posteriores á partida do Padre Ader (1857). Mas affirmo que nunca as communiquei a ninguem. Repeti-as sómente, ha tres annos, a um dos meus amigos, M. E., uma das testemunhas das aparições, que se occupou tambem d'uma Historia do Cruta e que me convidou a escrever as na minha *Guia de Lourdes*. E eis porque relatei esse episodio que até então não era conhecido senão de mim.»

P. S. — No momento de fechar esta carta, recebo communicação d'um protesto que talvez v. ex.^a tenha recebido no momento de ler esta carta. Em todo o caso, é conveniente que v. ex.^a saiba a impressão que causou em Bartrès a sua narração acerca de Bernadette, quando ella alli esteve. Com effeito, escrevem a v. ex.^a de Bartrès.

«Bartrès, 31 de julho de 1894.

Senhor.

Em nome da verdade, audaciosamente desvirtuada, vimos protestar unanimemente nós, membros da camara municipal de Bartrès, contra as falsidades insertas no novo romance LOURDES de v. ex.^a, quando se refere á existencia de Bernadette Soubirous na nossa terra.

Em primeiro lugar declaramos, em opposição á affirmativa de v. ex.^a, que o marido da ama de Bernadette, Basilio Laguës, nunca fez em familia a leitura de que v. ex.^a falla: este facto é attestado por seu proprio filho, irmão colação da joven vidente. Em seguida affirmou v. ex.^a que, durante todo o inverno, os serões se fizeram na nossa egreja, com auctorisação do Padre Ader.

E' redondamente falso.

E, contudo, foi lá, segundo v. ex.^a diz, que Bernadette concebeu as suas ideias d'apparição.

Declara outrossim v. ex.^a que as nossas familias d'então iam á egreja seroar com o fim d'economisar luz e se esquecerem uns aos outros.

Que grotesca affirmação, sabendo-se

que as nossas casas estão repletas de lenha! Entre nós não havia familia tão pobre que não tivesse com que aquecer-se á noite.

Representa v. ex.^a a nossa modesta egreja como um lugar onde a imaginação da piedosa menina se exaltara á vista d'altares sumptuosos com ricos dourados, de virgens d'olhos azues e labios de carmin. Ah! senhor, como ousa v. ex.^a fallar assim, depois de ter visitado a nossa egreja?

Tudo isso é absolutamente falso, como v. ex.^a sabe.

Em face d'estas phantasticas affirmações, em homenagem á verdade e como prova da nossa fé na realidade das Apparições, julgamos do nosso dever, como representantes de Bartrès, restabelecer a exactidão de factos tão indignamente falsificados.

Acceito, senhor, o restabelecimento da nossa consideração.

LAURENT, *mair*; CAPDEVIELLE, *adjunto*; LAGUES; DHARRY; PASQUINE; DUPAS; LAMATHE; PONTICO; LAMATHE; HOURTANÉ.

Reconheço as assignaturas supra.

Bartrès, 31 de julho de 1894.

LAURENT, *mair*.

SECCÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Sancta Sé

Dispensa de irregularidade

QUANDO o Bispo de Bayona exposto á Sag. Cong. do Concilio que um joven seminarista, por outra parte digno, não podia ordenar-se em razão de irregularidade proveniente de ter a mão direita em tal disposição que garracia em absoluto do dedo medio, constando o index só d'uma phalange, não tendo contudo difficuldade em manejar a Sagrada Hostia e em fazer as demais ceremonias sem irreverencia nem escandalo dos fieis, allegaram-se ante a dita Sag. Cong. as razões pró e contra a dispensa; a resolução de 1 de setembro de 1883 foi favoravel, concedendo-se a dispensa *usque ad presbyteratum inclusive*, no caso d'acceder a ella o Summo Pontífice.

*

Cumprimento e commutação de vontade

No anno de 1755 erigiu-se uma

capella em certo lugar. Alli se fundaram duas capellanias leigas, impondo os fundadores aos seus herdeiros e successores a obrigação de manterem a egreja bem conservada e bem provida, como tambem a de nomearem os capellães que deviam servil-a, e acrescentando a condição de que devia ficar sem effeito a instituição, no caso de não poder cumprir-se ao pé da letra, porque então a renda destinada ás capellanias devia entrar de novo em poder do fundador, ou de seus herdeiros e successores. Como a lei civil extinguiu em Italia todas as capellanias, pensava o interessado que já não podia cumprir-se a fundação, e que portanto as rendas das capellanias ficavam livres: não obstante pediu que decidisse a Sag. Cong. o que fosse justo; se decretasse a subsistencia das capellanias, pedia o interessado que, por sua pobreza, pudesse vender os bens de raiz, hypothecados para segurança da referida renda.

Discutido o assumpto, resolveu a Sag. Cong. em 1 de setembro de 1883 o seguinte: *Não consta a extincção das capellanias; porém concede-se a graça de que, dados pelo interessado brevi manu 400 ducados para que o Bispo os empregue em causa pia, a quantia restante a possa ceder em beneficio do interessado, e este possa alienar livremente o predio, se o Summo Pontífice assentir.*

Declarações

1.^a Toda a fundação piedosa depende da esphera do poder civil quanto ao seu não cumprimento, infração, redução e commutação.

2.^a Só os Romanos Pontífices podem com justa causa commutar as ultimas vontades e as fundações piedosas.

3.^a A razão é que, comquanto as disposições testamentarias, relativas a Deus e á alma, se devam julgar leis, sobre as quaes nada pôde o poder civil, contem contudo d'un modo tacito as clausulas: *Sulca a auctoridade do Summo Pontífice.*

4.^a Tudo foi confirmado na anterior resolução. Quando a Sag. Cong. resolveu que não constava a extincção das capellanias, excluiu a auctoridade civil; e quando concedeu a alienação do fundo, admittiu a pontificia auctoridade de converter as disposições pias em outros usos e causas.

SEÇÃO LITTERARIA

Vem!

(A UM FILHO AUSENTE)

Ah, dolce
A vecchio padre è l'appogiar lo informe
Membra su figli non ingrati!

Silvio Pellico, *Francesca da Rimini*.

Ah! volte, filho amado, ao patrio solo,
Da anciosa familia ao coração!
Vem aos paes extremos dar consolo,
Como sol que dissipa atro bulcão!

Vae já tão longa a ausencia! De saudade
Teu sido, e de esperanca, o seu viver!
Graças de Deus a paternal bondade,
Se mata uma, faz a outra reviver!

Mas ai! que o tempo vóa e a vida foge,
E a alma empolga o desanimo roaz:
O balsamo que sana as fridas hoje,
Talvez amanhã seja inofficaz!

N'estas horas sem fim do apartamento,
Quanto soffro, sabonol' o ou e Deus!
Mas, posto a vida ser dubio momento,
Inda te espero ver nos braços meus.

A torna mãe, porém, não só da idade
Teme o gravame incomportavel, não:
Mas, preza de minaz informidade,
Teme da morte a traçoeira mão!

E morrer sem unir n'um mesmo abraço
A todos os queridos, é cruel!
E' juntar, ao partir se o terroo laço,
Do absintho ao travor, travor do fel!

Vem, vem, pois, com teu rosto sorridente
Dar luz aos nossos pallidos, mortaes:
Da vida estás no fulgido oriente,
No triste occaso inclinam-se teus paes!

N'este inverno da vida, corre as voias
Lento o sangue, sem força e sem calor:
Vem, vem, pois, derramar-nos a mãos cheias
O santo fogo do teu vivo amor.

Larga ó nossa viagem; alquebrados
Os membros temos, tropagos os pés:
Vem, vem, pois, com teus braços dedicados
Amparar-nos, do resto inda atravez.

E assim em placida volthico iramos
Aguardando o soar da hora final,
E d'esse apartamouto levaremos
Para a dôr um consolo sem equal;

Pois logrado teremos a doçura,
Que dos paes deve ser mor ambição:
Accumular thesouros de ventura
Nos filhos no extremoso coração.

A. MOREIRA BELLO.

A Mãe e a Filhinha

Filhinha, trazes-me agua?!
—Trazel-a vou fresquinha.
—Pois leva essa billinha
E mui depressa vem.
—Eu venho já voando,
Depressa vou, enchendo
Me torno aqui correndo,
Não fallo com ninguem.

—Mas ollha que não caias,
Filhinha, no caminho,
E trata com carinho
Essa billinha, sim?
—Bem pôde, mãe senhora,
Ficar mui descaçada,
Fois cuido, na jornada,
Bem d'ella e mais de mim.

—Bem sabes quanto gosta
Teu pae beber por ella,
E sabes quanto zela
A sua conservação.
—Não diga mais, mãesinha,
Que me enche de cuidados;
Que muito mais pezados
Que esta billinha são.

—De quem tomaste, filha,
Sentença tão profunda?
Na innocencia jucunda
Admira tal saber!
—Observo desde ha tempo,
Que a gente que trabalha,
Bem dorme, menos ralha,
Disfructa mais prazer.

—Vae filha, vae á fonte
Alegre, mas prudente;
Que Deus está presente
Aqui, ali e além:
N'esses tão bellos annos,
De candida innocencia,
Vós tendes preferencia,
Ouve essas preces bem.

—Oh! minha mãe, a Virgem
Escuta das meninas
As preces pequeninas,
Que decorando vão:
E vem nas proprias preces
Ideias illustrando,
Palavras suavizando,
Ganhando o coração.

—Se á Virgem tu confias
Amor e intelligencia,
Que bella essa existencia,
Filhinha, não será!
—Meu coração o quer,
Vós o quereis, mãesinha,
Esta vossa filhinha
N'esse caminho irá.

—Vae pela agua, filha,
A Virgem vai contigo.
—E livre de perigo
Indo com ella vou.
—E foi tão contentinha,
E quando o pae entrava
Por ella perguntava,
E á porta disse:—cá estou.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSEAYA.

A lei do Jejum

Innumeras são as razões em que a grande maioria dos fieis christãos se funda para quebrantar a lei do jejum, e difficil é apontal-as nos limites d'um artigo.

Daremos, porém, alguns quadros d'estas razões, de cuja fiel copia do natural ninguem duvidará.

I

POR CAUSA DA SAUDE

—Creia, meu amigo, que lhe invejo essa facilidade em jejuar; eu nem sequer posso com os tres dias seguidos da Semana Santa.

(O amigo alludido disse para os seus botões:—Que entenderá este homem por facilidade? Mas, pondo de parte os seus intimos pensamentos, limita-se a averiguar as difficuldades do interlocutor).

—O amigo não gosa saude?

—Estou muito mal, meu amigo.

—De que enfermidade soffre?

—E' isso precisamente o que me desespera; creia que não sei.

—Mas o medico...

—Não me falle de medicos; sou victima d'elles.

—Pois para se eximir ao jejum, o amigo necessita conselho d'um d'elles e licença do confessor.

—Está o amigo em erro. Quando se trata da minha saude, ninguem mais interessado que eu em conserval-a, e ninguem como eu pôde saber o que convem e o que prejudica.

O amigo comprehende que é inutil toda a discussão e volta-lhe as costas, perguntando a si mesmo: onde terá aprendido este barbaro taes *theologias mysticas*?

II

POR INNUMERAS OBRIGAÇÕES

—Vamos, filha, deixa hoje o teu Esposo da alma e fica para almoçar connosco.

—Ficarei; mas, fallemos com franqueza: vós fazeis agora a collação ou á noite?

—Olha, Mathilde,—disse a outra fingendo sorrir-se—a verdade é que cá em casa não jejuamos, eu por causa dos malditos nervos, que me não deixam um só momento, e este pobre (apontando seu marido) porque, com as obrigações que tem, seria matal-o.

—Não sabia que teu marido tinha muitas occupaões.

—Uma barbaridade, filha. A's 9 da manhã levanta-se; ás 10 na repartição; ás 4 no café até á hora do jantar, ás 9 no theatro, e, quando lá não vamos, na reunião em casa do tio Henrique. Uma praga!

—Na verdade é uma vida *laboriosissima*.

—É' claro, e fazel-o jejuar seria matal-o; eu, com receio de que lhe dissessem que experimente, aconselhei-o que não consultasse ninguém.

—Porém, mulher, isso é uma atrocidade; não é proprio de christãos.

—Ah! filha, estou tão escarmentada dos confessores! Não sabes o que se passou commigo quando solteira? Pois dir-t'o-hei: sabes que sempre fui de pouco comer; de modo que se pôde dizer que jejuo todo o anno; não te parece?

—Parece-me uma coisa muito diferente; mas continua.

—Bom; pois um anno antes de casar-me, vou ter com elle nas vesperas da Quaresma e digo-lhe:—Ah! Padre, não sei se poderei resistir ao jejum!

—A senhora está doente?

—Nervosa, muito nervosa, continuamente nervosa.

—Pois experimente, e depois me dirá o resultado; pôde ser que com o jejum se apaquem os humores a esses miseros nervos. Que te parece o conselho?

—Que teve graça.

—Pois eu não lhe achei nenhuma: quasi me ia dando um deliquio e tive que procurar outro confessor.

—E não jejuaste?

—Como havia de jejuar com aquelles nervos! O mesmo que a este (apontando seu marido), como ha de jejuar com as suas innumeradas occupaões?

III

PELA EDADE

—Não me venham com essas cantigas; tenho ouvido dizer que o jejum é bom para a gente moça e até é hygienico.

—De modo que o senhor só jejuou quando rapaz?

—Nem quando rapaz, nem quando velho, nem solteiro, nem casado; comprehendendo que isso se não pôde exigir a todos, e dos quarenta para cima, na minha opinião, a ninguém.

—Bem, essa é a opinião do senhor, mui diversa da da nossa Mãe a Igreja, que prescreve o jejum desde os vinte e um annos até aos sessenta pelo menos, nas circumstancias ordinarias da vida.

—Pois eu pediria que se reformasse essa lei.

—Exerça o direito de petição: mas entretanto, a lei é lei.

—Sim, mas na minha idade molesta-me.

—É em todas as edades; porque para isso se estabelecem o jejum: para molestar a carne, para suffocar as exuberancias da concupiscencia, para dominar o corpo e pô-lo sob o senhorio e dominio da alma, sentidos e potencias, movimentos e acções, entendimento e vontade sob o dominio e senhorio de Deus Nosso Senhor.

—Homem, isso é duro na minha idade!

—E lá volta com a idade. Pois olhe: mais duro será no fim de todas as edades ouvir o supremo Juiz dizer: Ide, malditos, para o fogo eterno, porque não quizestes guardar a minha lei.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Está publicada e foi-nos enviada a terceira edição das—*Meditações para o mez de Maio* pelo Padre Affonso Muzzarelli, da benemerita Companhia de Jesus, com piedosos e lindos colloquios com a Santissima Virgem para todos os dias e tocantes exemplos extrahidos das obras de Santo Affonso Maria de Ligorio e d'outros bons auctores.

É' um livrinho muito apreciavel, e muito adoptado para os exercicios do mez de maio, principalmente no norte do paiz.

As meditações são curtas, mas muito substanciosas e repletas de boa doutrina, como era de esperar, sendo seu auctor um illustre membro da benemerita Companhia de Jesus.

Além d'isso é baratissimo, pois custa, em brochura, apenas 100 réis. Agradecemos a offerta.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Introducção do profano na caserna

(Vid. pag. 41)

Esta gravura representa uma das muitas palhaçadas que a Franc-Maçonaria faz representar aos seus candidatos.

Depois de submeter o neophyto a

mil perguntas, qual d'allas a mais ridicula, como se pôde vêr nos—*Mysterios da Franc-Maçonaria*, de Leo Taxil, edição do snr. A. Dourado, de cujo livro copiamos esta gravura, sujeitam-no ás *provas terriveis*, uma das quizes é a introducção do profano na caverna... de Caco.

O Veneravel pergunta ao neophyto se se sente com coragem para arrostar todos os perigos a que vaç ser exposto, e, respondendo este affirmativamente, o Veneravel diz:

«Irmão terrivel, arrastae este profano para fóra do templo, e conduzi-o por toda a parte por onde deve passar o mortal, que aspira a conhecer os nossos segredos.»

Agarram o neophyto, e sacudindo-o, levam-no para a sala dos Passos Perdidos. Ah!, para o desnortear, fazem-no redemoinhar em piruetas. Em seguida tornam-no a levar á entrada do templo, cuja porta se abre de par em par.

Não longe d'esta, colloca-se um grande quadro, vedado por numerosas camadas de papel forte, e supportado por alguns irmãos, d'uma e d'outra parte. Não é possivel comparar melhor este apparelho que aos arcos, que as cavalleiras dos circos atravessam.

Depois o Irmão terrivel pergunta ao Veneravel o que deve fazer do profano, e o Veneravel responde: introduzi-o na caverna.

A esta ordem dois irmãos vigorosos empolgam o neophyto e o atiram com toda a força contra o quadro, cujos papeis se rompem e lhe abrem passagem. Outros irmãos o recebem n'um colchão estendido do lado opposto. Tornam-se a fechar com grande estrondo as duas meias portas. Uma argola de ferro, corrida repetidas vezes por uma barra dentada do mesmo metal, simula o ruido d'uma enorme fechadura, que se fechasse a muitas voltas. Todos guardam rigoroso silencio. O neophyto permanece estirado ao comprido no colchão, que foi pousado em terra, até que o Veneravel o manda levantar para continuar as *provas*.

É' isto o que a nossa gravura representa.

Santa Ignez de Monte Policiano

(Vid. pag. 49)

Nasceu esta bemaventurada na cidade de Monte Policiano, na Toscana, em 1274.

Amou Jesus e a Santissima Virgem desde o berço.

Tinha 5 ou 6 annos e já dizia que



SANTA IGNEZ DE MONTE POLICIANO

queria ser religiosa. Seus paes viram-se constringidos a leval-a. na edade de 9 annos, para o mosteiro das Irmãs chamadas Sachinas.

Ignez tornou-se em breve objecto da admiração de toda a communitade.

A reputação d'uma piedade tão extraordinaria privou bem cedo o mosteiro de Monte Policiano d'este thesouro. As religiosas ha pouco estabelecidas em Proceno, pequena cidade do condado de Orvieto, movidas pelas maravilhas que contavam da Irmã Ignez, obtiveram-na do Papa Nicolau IV para superiora, apesar d'ella ainda não ter feito a sua profissão religiosa.

Mais tarde voltou ao primitivo con-

vento, porque os habitantes do Monte Policiano, conhecendo a perda que soffreram, conseguiram que Ignez viesse converter uma casa de prostituição, que havia á entrada da cidade. n'um convento, que ella estabeleceu com a regra primitiva de Santo Agostinho, consoante o espirito de S. Domingos.

Depois de muitos trabalhos n'este convento, que elevou a uma grande santidade, entregou tranquillamente a alma a Deus em 1317, tendo 43 annos d'edade e trinta e seis passados no mosteiro.

No *Anno Christão*, d'onde é copiada esta gravura, vem uma desenvolvida vida d'esta santa.

SECÇÃO NECROLOGICA



Na sua casa do Sebal (Condeixa) falleceu, em 10 de março findo, a ex.^{ma} sr.^a D. Marianna Rosa de Pina Aragão Mascarenhas, extremosa mãe de tres nossos assignantes. Era um modelo perfectissimo de virtudes, transmitindo a seus filhos, a par do nome illustre que possuia, a principalissima no-

breza d'um proceder lealmente christão, theorica e praticamente. Com letras indeleveis se encontram hoje inscriptas no livro de Deus as acções de caridade que exerceu, que a toda a miseria soube valer, como quem, a exemplo de Christo, aprende desde a infancia a fazer o bem. A piedade tinha em sua casa um templo, que era alli habitação continua de sacerdotes exemplarissimos, chamados para instrucção e edificação das populações visinhas da nobre casa do Sebal.

Deus a terá em sua gloria, porque — *Beatus qui intelligit super egenum et pauperem; in die motu liberabit eum Dominus.*

No entanto pedimos a nossos leitores fervorosas preces pela fallecida, e enviamos sentidos pezames á familia enluctada.

Do nosso presado correspondente dos Arcos de Val de Vez recebemos a seguinte triste noticia:

No dia 6 do corrente mez d'abril, n'esta villa dos Arcos de Val de Vez, passou d'este mundo para a eternidade a alma do bemquisto pharmaceutico, snr. João Francisco Alves da Costa. A sua morte—quasi repentina, se pôde dizer—contristou esta povoação. Não sendo elle natural d'aqui, mas sendo dotado d'animo sincero e benevolente, pôde grangear a estima e sympathia dos arcoenses. Inesperada e prematuramente colhido pela morte, e por que era extremamente amado por sua esposa, vendo esta agora em volta de si quatro tenras crianças, chorosas, porque já não ouvem a doce voz do carinhoso pae!... calcule-se que luto e dôr não estará soffrendo o coração da sensível viuva! Oxalá a resignação Divina lhe assista: n'estes trances da vida, só em Deus se pôde achar consolação.

O fallecido era cunhado do assignante d'*O Progresso Catholico*, snr. Padre Eduardo Augusto da Cunha Cerqueira, d'esta villa, mas presentemente digno abbade da freguezia de S. Miguel de Entre Ambos os Rios, concelho da proxima villa da Barca, e tambem apparentado com outro assignante d'este quinzenario, o snr. Padre Manoel Augusto Esteves Vaz, igualmente d'esta villa, e actualmente collocado na importante abbadia de S. Torquato de Guimarães. A estes e a todos os parentes, patenteamos d'este modo a nossa condolencia. Aos piedosos leitores d'esta folha pedimos um P. N. por alma do fallecido.

Fazemos nossas as palavras do nosso presado correspondente, pedindo a Deus

que haja em santo logar a alma do finado e que dê resignação a sua familia para supportar christamente o golpe que acaba de a ferir.

Tambem falleceu no Porto a esposa do nosso presado assignante e particular amigo, snr. Custodio Jorge dos Santos, acreditado negociante da praça do Porto e zeloso presidente da Conferencia de S. Vicente de Paulo de S. Nicolau. Em cinco dias, que tantos foram os que uma erysipela facial levou a arrancar a aos carinhos do extremoso esposo e aos affagos de nove filhinhos menores, soffreu com muita resignação as dôres atrozes que Nosso Senhor lhe mandou. Recebeu os sacramentos da santa Madre Igreja e morreu como sempre vivêra: christamente.

Não nos occorrem palavras de conforto para o nosso presado amigo em lance tão doloroso; mas em Jesus, que o nosso amigo tanto ama contemplar crucificado na Cruz, encontrará as consolações que os homens, ainda os mais sinceros amigos, lhe não podem dar.

Aos leitores pedimos as suas orações por alma da finada senhora.

RETROSPECTO

Em que paiz estamos?

Sua Eminencia o Snr. Cardeal Patriarcha mandou pedir ao snr. ministro da marinha que nos navios, em que partia para Lourenço Marques a expedição militar, fossem erigidos altares para os nossos briosos soldados ouvirem missa ao domingo; e o snr. ministro respondeu a Sua Eminencia que nos navios não havia logar para novecentas pessoas assistirem a esse acto religioso.

E' pasmosa esta resposta!

Em que paiz estamos? Qual é a nossa religião official?

Não será este paiz o Portugal fidelissimo? Não será a religião do Estado a catholica, apostolica, romana?

Mas se é, como ousa um ministro d'Estado dar tal resposta ao Em.^{mo} Patriarcha de Lisboa?

Nem na Inglaterra, nem na Alemanha, nem na Russia, nem em algum paiz heretico ou seismatico um ministro d'Estado ousaria dar semelhante resposta á mais graduada auctoridade da religião d'esse Estado.

Mas ousou dal-a em Portugal o snr. ministro da marinha a um Cardeal da Igreja romana e a um Patriarcha!

E' pasmoso!

Lá vão, pois, os nossos briosos soldados como animaes, empilhados nos

navios de guerra, sem terem a consolação d'assistir ao Santo Sacrificio da Missa e privados de cumprirem os seus deveres religiosos!

Em nenhum paiz civilisado se praticam taes actos.

Mas praticam-se em Portugal, porque o snr. ministro da marinha é membro da maçonaria o quer mostrar a esta que sabe ser I.º fiel e cumprir o que prometteu nas Lojas.

E é assim que tudo vae caminhando n'este desventurado paiz!

Mas, infelizmente, não são o snr. ministro da marinha e a franc-maçonaria os unicos responsaveis por estes attentados ás crencas catholicas. Responsaveis são tambem os catholicos, que por indolencia não se resolvem a seguir seriamente os conselhos de Sua Santidade Leão XIII, que os tem convidado instantemente a entrar na vida publica e a manifestarem-se catholicos não só na vida privada, mas principalmente na publica.

Se os catholicos estivessem organizados, se fossem uma força viva social, o snr. ministro da marinha não teria o arrojo de insultar as suas crencas tão escandalosamente.

Mas, porque os catholicos gostam de ser os servos da gleba e de servir de capucho em que qualquer individualidade com influencia politica ou social possa limpar impunemente os pés,—soffrem este e similhantes enxovalhos.

Não será tempo dos catholicos quebrarem a apathia em que vivem, e se resolverem a unir-se para reivindicarem os direitos de Deus e da Igreja?

Ah! que severas contas teem muitos que dar a Deus pela sua inercia!

Congresso Catholico em Lisboa

Reunir-se-ha em Lisboa, nos dias 25 a 28 de junho proximo, um Congresso Catholico Internacional, que faz parte das festas que se promovem em honra de Santo Antonio, por occasião do seu setimo centenário.

N'este congresso, segundo o regulamento official já publicado na integrá pelos jornaes catholicos, tratar-se-ha, além de outros assumptos, das modernas doutrinas antropologicas, da moral independente e das suas consequencias para a sociedade, do transformismo, do ensino religioso nas escolas, dos meios de moralisar as fabricas, da questão do operariado, da necessidade das Ordens Religiosas, principalmente para as missões ultramarinas, dos meios de propaganda a favor da imprensa catholica, dos meios de conservar e augmentar a fé e os bons costumes nos quartéis militares, hospitaes, prisões e casas de correcção, dos meios de promover a observancia dos dias sanctificados, meios

de favorecer as vocações ecclesiasticas, meios de reunir as forças catholicas em defeza dos direitos e liberdade da Igreja e interesses da Patria.

Deus queira que este congresso dê resultados praticos, mais praticos do que os anteriores Congressos, dos quaes só tem ficado o effeito moral e pouco mais, o que é alguma coisa, mas não tudo o que d'elles se esperava.

Conferencias de S. Vicente de Paulo no Porto

Ha, actualmente, no Porto, as seguintes conferencias de S. Vicente de Paulo: da Immaculada Conceição, do Senhor do Bomfim, de S. Martinho de Cedofeita, de S. Verissimo de Paranhos, de S. Nicolau, de Nossa Senhora d'Assumpção da Sé e de Nossa Senhora da Victoria. Além d'estas, ha as seguintes na diocese do Porto: Nossa Senhora do Rosario de Penafiel, Salvador de Mathosinhos e S. João da Foz.

Sobre a nossa mesa temos o relatório d'estas conferencias, relativo ao anno de 1894.

Por elle se vê que a receita d'estas Conferencias foi de 3:151\$235 réis, superior em 271\$170 réis á do anno anterior; e a despesa de 2:344\$335 réis, igualmente superior á do anno anterior em 132\$355.

O numero dos membros activos e honorarios augmentou, sendo actualmente de 159 activos, mais 14 do que em 1893; e o dos honorarios são 135, mais 13 do que em igual anno.

O dos subscriptores é de 1893.

As Conferencias visitaram semanalmente 195 familias pobres, mais 19 do que no anno interior.

Por esta rapida estatistica se vê que as Conferencias se vão desenvolvendo no Porto.

Nosso Senhor as proteja, porque são muitos os beneficios que ellas espalham, e grande a honra que dão a Deus!

Fallecimento de Pinheiro Chagas

Falleceu na capital o snr. conselheiro Pinheiro Chagas, escriptor primoroso, que foi ministro d'Estado. Esteve bastante tempo enfermo, conhecia bem a gravidade do seu estado, e sabia, porque o affirmou varias vezes, que o seu fim estava proximo. Apesar d'isso, não consta que recebesse os Sacramentos da Igreja.

E note-se que Pinheiro Chagas não era, dos nossos homens publicos, dos que hostilizavam systematicamente a Igreja.

Melhor morte, apesar de ter peor fama, teve Oliveira Martins, que morreu como catholico, confessando-se e recebendo os sacramentos.

Foram, por certo, os respeitos hu-

manos que impediram Pinheiro Chagas de receber os Sacramentos da Igreja. Misérias humanas!

Deus haja piedade da alma d'esse infeliz, que, como politico, foi dos mais honrados, pois viveu e morreu pobre. Oremos pelo seu eterno descanso.

Joanna do Arco

Mons. Touchet, Bispo de Orleans, foi a Roma para promover a beatificação d'esta heroína Franciscana.

Levou consigo o processo de *non cultu*, que acaba de se terminar no seu bispado. O tribunal, creado para este effeito em Orleans, em vinte e seis sessões que teve apresentou um documento official cujas conclusões são completamente favoraveis á causa. A Sagrada Congregação, segundo o desejo do Papa, não tardará a examinar este documento e decidirá se deve confirmar-se a sentença d'aquelle tribunal.

O Cardeal ponente d'esta causa é o Em.^{mo} Parocchi. N'uma conferencia que fez na capella das Senhoras da Anunciação acerca da illustre virgem da Lorena, mostrou a sua missão sobrenatural e providencial. «Supponde — exclamou — que Joanna não tivera sido enviada á nação franceza: então mui breve a Religião catholica seria despresada em França; o reinado de S. Luiz separado da Igreja e submettido pouco a pouco aos erros de Wicief e João Huss; e pela defecção d'esta filha primogenita da Igreja, se veria o apostolado privado dos seus mais intrepidos operarios.»

E fazendo entrever a apotheose de Joanna do Arco, concluiu: «E apesar das tristezas presentes e das revoltas e transtornos que agitam aquella nobre nação, espero que dia virá em que a glorificação da nossa Veneravel seja para a sua patria o dia de repouso e de tranquillidade.»

Exemplo digno d'imitação

O presidente da republica de Venezuela promulgou um decreto obrigando, sob penas severas, que se ensine a Religião catholica em todos os estabelecimentos docentes, e não por pura forma, mas com a extensão e profundidade que requer uma materia que não serve para fazer medicos ou advogados, mas para fazer homens honrados e cidadãos benemeritos.

Com um presidente de republica com taes sentimentos, não se nos dava de ser republicanos, porque, apesar de Portugal ser um paiz *fidelissimo*, está, em materia d'ensino, muito longe da perfeição a que chegou a republica de Venezuela. Cú ensina-se a religião mui superficialmente, e nos exames é materia que se não pergunta.

Revolucionarios agarotados

Os revolucionarios de Montmartre, em Paris, foram assistir, na igreja de Nossa Senhora de Gignancourt, a um dos sermões que alli prégou durante a Quaresma o Padre Garnier.

Durante os tres quartos d'hora que durou o sermão, reinou o mais profundo silencio; mas ao terminar, um d'elles subiu a uma cadeira, pediu grosseiramente a palavra, e como alguns fieis quizessem pol-o fira do templo, travou-se uma verdadeira batalha, que só terminou á vista das differentes tavernas dos arredores, depois dos energumenos se haverem cansado de gritar: Viva a Communa! e de maltratar os fieis.

Eis como estes senhores intendem a liberdade.

De abysmo em abysmo

O celebre Padre Jacintho Loyson, que fundou o *velho christianismo*, desfaz-se agora em elogios... A quem? perguntará o leitor... — Ao mahometismo! Se duvidam, leiam as suas palavras: «Sou sacerdote christão (sim, infelizmente); porém discipulo convicto de Jesus, não creio equivocar-me reconhecendo em Mahomet o propheta dos arabes. Sob inspiração divina fundou a Religião do Islam, que dirige a sorte espirital e temporal de tantos milhares d'arabes argelinos e de tantos milhões de creaturas humanas de todas as raças e nações.»

Pobre homem! Rola de precipicio em precipicio! Quem sabe se ainda o veremos ministro do propheta de Meca!

Congresso Franciscano

Desde o dia 4 a 7 d'agosto celebrar-se-ha em Limoges (França) o quarto Congresso Franciscano, para o qual já se estão fazendo grandes preparativos, sob a direcção do snr. Bispo d'aquella diocese, que será presidente honorario do dito congresso.

Franciscano Ilustre

Celebrou a sua primeira missa no Collegio Bohemio de Roma o snr. Hugo Boacompagni, Duque de Lora, illustre membro da Ordem Terceira e Syndico Apostolico do Convento Franciscano de S. Bartholomeu, sito em Foligno.

Viagem á Terra Santa

O rev. Padre Eschbach, reitor do seminario francez em Roma, prepara-se para ir á Terra Santa com o fim d'estudar as condições em que se encontram as communhões christãs orientaes, e fazer quanto possa para que correspondam ás instancias da ultima Encyclica pontificia.

Uma irmã condecorada

Por decreto do ministerio da guerra francez, foi condecorada com a medalha de ouro Soror Vincentina, das Irmãs Terceiras de Calais, em recompensa dos importantes serviços e caridosos auxilios que prestou aos soldados francezes enfermos e feridos na guerra de 1870-71.

A jacobinagem de cá, para ser coherente, devia chamar reaccionario ao ministro da guerra da França. Mas não chama... por vergonha.

A verdadeira Bernadette de Lourdes

Este apreciavel livro de Monsenhor Ricard, que estamos publicando no *Progresso Catholico*, acaba de ser traduzido em hespanhol pelo dr. Agustin Miracle. Assin o lemos na *Union Católica*, de Madrid.

Um consul austro-hungaro judeu

O consul austro-hungaro em Jerusalem, sr. Ippen, é judeu, com indignação e escandalo dos occidentaes, ou, como alli se diz, dos francos. Infelizmente a influencia dos israelitas e mações é cada vez maior na Austria, o que explica perfeitamente muitos acontecimentos politicos e religiosos contemporaneos.

Zola e Lourdes

Em desagravo da publicação do infame romance *Lourdes*, de Zola, que, como se sabe, está no Index, preparam-se grandes festas na Basilica de Lourdes. Far-se-ha uma nova imagem para o altar-mór e reparar-se-ha o orgão.

Os catholicos na Suissa

O numero dos catholicos augmenta consideravelmente em Basilea. Já figuram no censo mais de 20:000 e tem duas egrejas. A influencia d'estes é assás perceptivel na reforma da legislação cantonal.

Caso não caso

Escrevem de Masnou a um nosso collega hespanhol que no dia de S. José um habitante d'aquella povoação, não contente de fazer alarde de trabalhar em publico, permittiu-se phrases de desprezo a respeito do Santo Patriarcha e contra o Pontifice que instituiu esta festa, escandalizando com suas palavras os seus ouvintes. Pouco antes do meio dia, o referido individuo feriu-se n'um pé com tal gravidade que os medicos opinaram ser necessaria a amputação.

E' um caso que não parece obra do acaso.

Em honra d'um Padre

Foi collocada na Bibliotheca Casanense, assistindo ao acto commissões de todos os corpos da marinha italiana, uma lapide de marmore, dedicada ao celebre Padre Guglielmotti, da Ordem dos Prégadores.

A inscripção diz o seguinte: «Ao Padre Alberto Guglielmotti, que, a bordo dos navios de guerra, evocava nos mares a gloria de Lepanto e a resuscitava na historia,—os officiaes da marinha italiana dedicam esta recordação em março de 1895.»

Tambem assistiu á cerimonia a auctoridade municipal de Civitavecchia, patria do illustre dominico.

Morte d'um jornalista

Falleceu Luciano Jeannet, director do *Leão Republicano*.

Um amigo da sua infancia, sacerdote, perguntou-lhe um dia:

—Por que contas no teu jornal essas historias repugnantes e asquerosas contra os sacerdotes?

—Meu amigo—respondeu elle—que queres que faça? E' isso que faz com que eu ganhe dinheiro.

Quantos, cá por Portugal, que procedem do mesmo modo pela mesma razão!

Conversão

Converteteu-se á religião catholica em Ministrol de Montserrat, D. João Casanovas, mestre auxiliar da escola protestante da dita villa, que ha mais de 13 annos estava filiado n'aquella odiosa seita.

Concilio na Africa

Os Bispos da Africa Meridional vão celebrar um Concilio, que será sem duvida um dos principaes acontecimentos da nossa epoca. Já pediram auctorisação a Sua Santidade para reunirem.

Progressos do Catholicismo

O Bispo anglicano de Salisbury acaba d'escrever um tratado sobre as ordenações na sua communhão, para estabelecer polemica, ou para seguir a já iniciada com os catholicos. Nota-se entre os reformados inglezes desusado movimento litterario e theologico, e isto prova que o progresso do Catholicismo não os deixa gosar em paz as ricas prebendas de que estão disfructando.

O general Serrano e a maconaria

D. Marianno Tirado conta, na sua obra sobre a frane-maconaria em Hespanha, um facto que é publico e notorio entre a gente da revolução, o qual aconteceu quando se tratou d'iniciar no alto segredo das intencções maconicas o então chefe de Estado, gene-

ral Serrano. Este soldado da revolução, que no meio do seu liberalismo era homem sincero e não tinha perdido a Fé, estava filiado na Maçonaria, ainda que no grau destinado aos tolos. Ao chegar á alta gerarchia a que o elevou a gloriosa de setembro, quizeram fazel-o mação deveras, porque o julgavam maduro.

Reunidos uma noite os Irmãos Tres Pontinhos, depois das mogigangas prescriptas nos rituaes, foi submittido o general á suprema prova: apresentaram-lhe um Crucifixo e convilaram-no a fazer com elle um acto repugnante. O negocio estava no periodo mais serio. O general, mostrando-se admirado, negou-se redondamente a praticar tal acto, dizendo que preferia perder a vida a fazel-o.

Então surgiram os apuros. Que fazer com aquelle homem, a quem já haviam descoberto os seus segredos? *Supprimil-o*, como algumas vezes se fez em taes casos, era perigoso, tratando-se do regente do reino, da primeira auctoridade da nação. No acto, um dos magões mais astutos propoz a solução. Esta era simples: felicitar o general pela sua inteireza de character e dizer-lhe que a prova não tinha outro fim senão medir a sua firmeza. O general engoliu a pillula e o negocio ficou na sombra, porém não tanto que pouco depois não fosse conhecido.

SECÇÃO ADMINISTRATIVA

Aos nossos presados assignantes que se acham em divida das suas assignaturas, pedimos a caridade de as mandarem satisfazer com a possivel brevidade. O *Progresso Catholico*, como sabem, sustenta-se exclusivamente das suas assignaturas, e se estas não forem pagas pontualmente, a administração ver-se-ha a braços com grandes difficuldades para occorrer ás despezas, que são certas e relativamente avultadas.

Temos dois meios de fazer a cobrança: pelo correio ou por um cobrador que vá á porta dos assignantes; maqualquer d'estes meios é assás dispendioso, e boa esmola seria pouparem-nos a despeza e trabalhos. Pedimos, pois, encarecidamente a todos que nos mandem satisfazer a importancia das suas assignaturas, afim de nos evitarem despezas com que mal podemos.

Nosso Senhor os recompensará de seu zelo e caridade, porque d'este modo contribuirão para auxiliar uma empreza catholica.

A importancia das assignaturas devem ser enviadas em vales do correio ou carta registrada ao abaixo assignado—Rua do Almada, 368—Porto.

O ADMINISTRADOR
Vicente Fructuoso da Fonseca.